

## EDITORIAL

*Cláudia Rocha da Silva  
Jacqueline Kaczorowski  
Luana Soares de Souza  
Maria Paula de Jesus Correa  
Rosana Baú Rabello<sup>1</sup>*

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.133813

**É** com entusiasmo que apresentamos mais um número da Revista Crioula. O dossiê, neste décimo nono número, propõe a discussão das várias maneiras como as criações artísticas - literatura, cinema, teatro, fotografia, escultura, dentre outras - relacionam-se com a história e passam a ser entendidas como processo: processo histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, tudo a um só tempo. Entendemos que o enfoque historicizante ajuda a compreender a realidade de onde emergem essas produções, o alcance de sua representação social e o universo socioideológico no qual se inserem.

A apresentação do Adinkra Sankofa na capa desta edição ilustra a importância do olhar lançado ao passado na compreensão e ressignificação do presente, assim como na projeção do futuro. Nesse sentido, a professora Rosângela

<sup>1</sup> As editoras são alunas de pós-graduação do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo - FFLCH/USP.

Malaquias, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, traz uma importante contribuição em nosso Artigo Mestre. Ela revê um texto publicado na década de 1990 e, em uma releitura da reflexão feita então, identifica ressonâncias, continuidades e resistências que dialogam com o tempo em que vivemos. Por falar em resistência, registramos nossa gratidão e nosso imenso apoio à luta dos professores, funcionários e alunos da UERJ, fundamental para que este importante espaço de educação pública e de qualidade continue existindo/resistindo.

A discussão sobre resistência e denúncia marca também a entrevista realizada com o grupo de teatro e pesquisa *Alcolu é aqui*. A proposta do grupo, ao investigar casos de racismo, incentivar seu relato e questionar a violência racista institucionalizada no Estado e na corporação policial, enriquece o alcance do trabalho com a linguagem teatral e marca seu importante lugar político como teatro engajado. A afirmação de que é preciso combater a violência racista e o olhar atento ao que acontece aqui e no mundo, ontem e hoje, estabelecem os itinerários de atuação do grupo.

Os artigos que compõem o dossiê também conduzem a uma perspectiva crítica bastante apropriada ao recorte proposto para esta edição. As análises realizadas sobre os objetos literários, teatrais e cinematográficos ajudam a perceber como estes são capazes de apresentar novas visadas sobre a História, ao questionar suas versões e seus silenciamentos.

A seção de resenhas apresenta ao leitor o projeto *MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias*. O livro *Geometrias da Memória: configurações pós-coloniais* é o primeiro registro de uma série de discussões e produções que o grupo irá publicar.

Temos a satisfação de ajudar a divulgar este trabalho, que apresenta Portugal, França e Bélgica em sua articulação com as memórias dos processos coloniais e das lutas de libertação.

Destacamos também nossa seção literária, com a participação de Jonas Tavares de Souza, cujas prosas curtas elaboram saudades, registram memórias guardadas no fundo das gavetas e fixam encontros com os abismos que permeiam o cotidiano. Experiências que vale provar por entre as palavras do cronista.

Por fim, indicamos a leitura prazerosa do Diário Acadêmico de Carlos Gontijo, Doutor em literatura, ator e pesquisador inquieto, cuja trajetória de pesquisa sobre o teatro de António José da Silva rendeu-lhe uma tese excelente e muitas histórias para contar.

Desejamos a todas uma ótima leitura!